



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

23 DE MAIO DE 1964
ANO XXI — N.º 527 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PACO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS
FUNDADOR: Padre Américo
VALES DO CORREIO PARA PACO DE SOUSA ★ AVENCA ★ QUINZENARI
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

Festas

Terminaram ontem. A apoteose que o Américo concebeu para remate do espectáculo é nada perante a apoteose de um Coliseu superlotado por uma multidão que não é massa mas comunidade, vibrando em um só coração e uma só alma.

O pouco que estive passei-o na plateia. Perdi o



Raimundo e Tónio levantaram plateias em «A pulga e o percevejo».

recato e andei por lá a consolar-me. As lágrimas subiram-me aos olhos, já não pela graça dos pequeninos artistas, mas por contágio da emoção dos espectadores.

«Não sei que temos mais do que os outros para gostarem tanto de nós» — dizia o Renato à frente dos seus «bata-tas». E P.e Zé Maria, na palavra do fecho, generalizou — e muito bem: «Nós não sabemos agradecer a Deus a graça que nos dá, pois que ela não é nossa — isso sabemos-lo nós».

Terminaram este ano as nossas Festas. Cancelámos todos os demais ante-projectos, cansados pela dissipação que elas provocam em todos nós e na nossa vida de trabalho, que é a nossa vida.

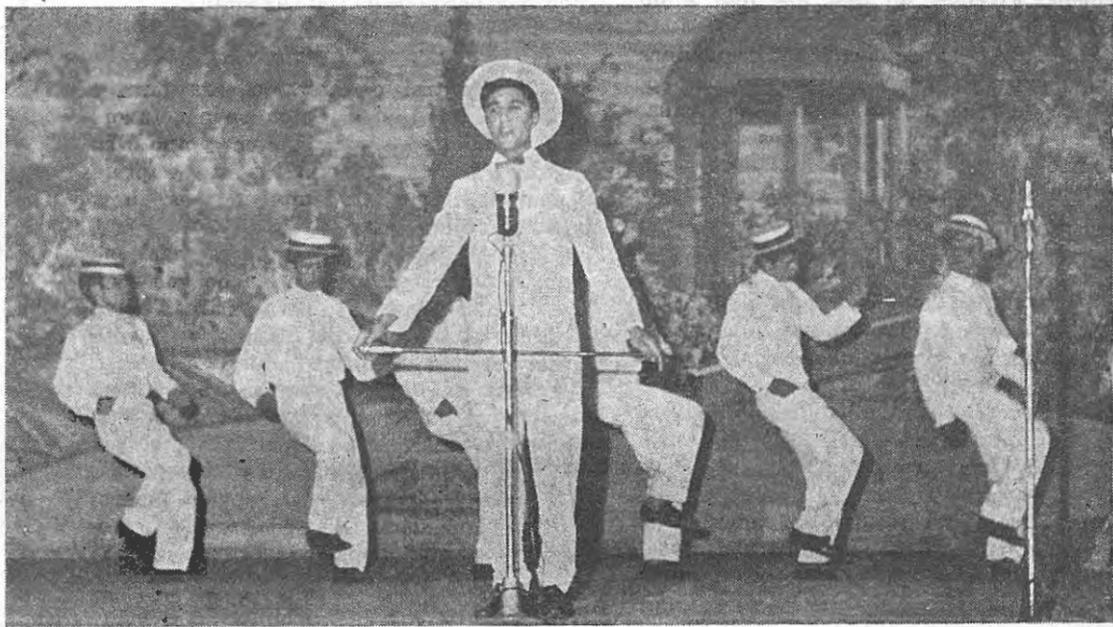
Em todos os lugares foi um sucesso. Em todos, menos em Guimarães. Temos pena; temos mais pena de Guimarães do que de nós mesmos perante a aparente inutilidade da nossa ida.

A vibração sadia de todas as outras plateias é um exercício de alma que a dilata. Esperamos que a meia sala de Guimarães tenha experimentado isto mesmo e vá contagiar outros tan-

Continua na página QUATRO



De saias, coletes, e lenços à cabeça, parecem... mas não — são eles.



Um número de grande sucesso — «O pico serenico».

AREIAS DO CAVACO

Por

P.e Manuel António

minha vida tem sido cheia de canseiras. Digo-te isto, não para que me louves, mas para que não penses que a vida de Padre da Rua é uma vida fácil; que se limita a receber o que lhe dão e a distribuir e mais nada.

Ando aflito, verdadeiramente aflito, neste fim de mês. Ando carregado com o peso de 65 Gaiatos e mais algumas dezenas de bocas que não sofrem de falta de apetite, graças a Deus, e a quem tenho de pôr a mesa, para lhes poder falar de coisas mais altas. Ando aflito, porque no princípio de cada mês, segundo nossa maneira de viver, quero pagar a quem devo o que estas bocas comeram no mês anterior e não tenho com quê. Só o pão que todas as manhãs vou buscar à padaria ronda os 2.300\$00 por mês. Já não te falo na massa, no arroz, no feijão, no azeite, no óleo e em tudo o mais que a mãe de família sabe por experiência.

Por isso, ando aflito, mas não desanimado, porque sei que, quando poisares teus olhos nestas Areias, não descansarás enquanto me não valeres nesta aflição.

Tenho suado muito, apanhado muito sol, subido muitas escadas, entrado em palácios e em tugúrios, ouvido palavras de muita simpatia, tudo por causa do garoto da rua. Digo-te isto para que faças teus estes meus trabalhos, do mesmo modo que trabalho para ti, libertando-te da presença importuna, à tua porta, destes rapazes da rua, tomando-os sobre os meus ombros. Digo-te isto para que venhas em meu auxílio e não me deixes sofrer só.

Se não tiveres dinheiro para me dares, faz como tantos amigos têm feito: dão-me aquilo que se compra com dinheiro. É a mesma coisa.

Se não queres ter o trabalho de vir pessoalmente a nossa Casa, ver-me-ás na rua, muitas vezes ao dia, sempre ao serviço do garoto da rua e, sem ninguém saber. Dá-me teus recados, para que a vaidade não profane o teu dar. Tenho recebido alguns deste modo e são os que mais valor têm.

Se tu, mais os teus amigos, quisésseis tomar à vossa conta o pão que os nossos pequenos rilham, mais o arroz e a massa e o feijão... Não seríeis os primeiros. As Companhias de Combustíveis quase tomaram à sua conta o fornecimento do gasoil de que precisamos. O mesmo sucedeu com as empresas do peixe.

Não nos julgues importuno e ambicioso e não penses que quanto mais nos deres mais descanso temos. É o desejo de fazer mais e melhor por estes garotos e abandonados que nos faz pedir assim.

Se fores pai ou mãe de família e tiveres um rancho de filhos, há-de dar-me razão e compreenderás melhor esta minha aflição. Espero que me digas alguma coisa por simples carta,

CONTINUA NA PÁGINA DOIS

Cantinho

de Malanje

Há dias, um indígena da Sanzala do Culamuxito trouxe-nos um saco com fuba e um gigo de batatas. Quanto nos consolou esta oferta! Este nosso vizinho reconheceu que nós não somos ricos. E não somos: Vivemos do que nos dão e do fruto do nosso trabalho.

Se nem sempre parecemos pequeninos e pobres aos olhos de quem não nos conhece, é pela confusão feita entre trabalho e riqueza. Nas nossas Casas do Gaiato tem de haver trabalho e, portanto, tudo o que é necessário para a sua realização.

X X X

Os indígenas começam a olhar para nós — não como patrões que só mandam, mas mais como companheiros que trabalham a seu lado.

Pequeninos, trabalhadores, amigos da terra... e as nossas Casas do Gaiato serão em África um fermento novo — para um mundo novo.

É tempo dos portugueses começarmos a cavar a terra, em vez de nos limitarmos, quase unicamente, à troca de panos por ginguba.

Que rios caudalosos de seiva ficam perdidos!

É verdade que a tarefa é grande... e os pequenos agricultores — como nós — sem o auxílio inicial do Estado, ficaríamos perdidos no meio da mata.

X X X

Encontrei o Vinta de cara dura e olhos enferrujados. Falou-me por favor: «Não quero trabalhar no campo. Não ganho. E daqui amanhã? Os outros aprendem uma arte. O campo não dá nada. Abri os olhos muito tarde».

É a fuga total! O Vinta não tem força para resistir à avalanche que vem. Espera só o momento para partir. A seiva da terra, o vigor das plantas, e o canto das aves não lhe dizem nada. Quero partir. O fumo das chaminés chama por ele. Sem saber porquê, tem de ir com os outros. É a hora... e é a avalanche.

Amigo Vinta, se amares a terra, ela te dará muitos por um... e mais alegria e mais felicidade. A agricultura será protegida e acarinhada... Ai de nós se não!

PADRE TELMO

O QUE NOS DÃO

No Total

Marido e filha de Amiga da primeira hora, que enquanto viveu nos trouxe sempre o bacalhau para a consoada do Natal, presentes com o «fiel amigo» indispensável. Excelente maneira de honrar os mortos! Excursão de Obidos, com Directora, Professoras e Famílias à frente com mercarias, roupas e 1.453\$60, produto da cotização ao longo do ano lectivo. Felizes os Pais que têm os filhos entregues a tais Mestres! De um grupo de alunos do 1.º e 2.º anos do Liceu Gil Vicente, acompanhado do Professor de Moral, roupas e 60\$50 em dinheiro. Um bidão de azeite e promessa de mais, de antigos companheiros de trabalho. De alguém, mais 20 litros do referido.

De L. Morgado 2.000 escudos; Senhoras amigas da casa com 500, 1.000 e outra vez 500; Carlota de S. Iria com 500 e companheira com 100; a vendedora 20 e selos; em vale 100; Luísa com 20; «para os amiguinhos da Casa do Gaiato», 40; desconhecido com 50; do Governo Civil 1.000; da Câmara de Loures, 3.000; o mesmo da Câm. de Lisboa; a nossa porta 150 e um cobertor; de «Deu-la-Deu» 20\$00; de Eng.º Agrônomo amigo 200; de M. E. Brandão 120; um carneiro e 100\$ para o seu preparo, de inglesa amiga; anónimo com sapatos, roupas, uma máquina de escrever e 422\$50 em dinheiro; pela Mãe Irene, quase agente nossa em Lisboa, muitas e varia-

das importâncias referentes a assinaturas e donativos; visitantes com 15; outra inglesa com 200; assinante 28.367 com 50; «por alma de minha Mãe e pelas felicidades de um netinho», 70; de A. Carvalho, em vale, 100\$; de ex-colega, muito discreto, 1.000; «com votos de Boas-Festas» 20 e selos; de Dolores 20; da Polyphonia 1.000; «rezem por mim», com 20; «de uma avó no Ultramar», 200; do Senhor Moraes, a quem tanto devemos, 500, bolos e pão; de M. Figueiredo, 20; através do Coadjuutor de S. João de Deus, 350; da assinante M. Cerqueira, 50; Seminaristas com 62\$10; vários amigos, com 25, 300, 100, outra vez 100, 10, 40, 20, mais 20 e outra vez 20; dos meus antigos colegas da J. N. Azeite, do que cresceu da cotização que fizeram para me oferecerem valiosas prendas pela minha Missa Nova, 210\$00.

Da «Senhora do Saldanha», sempre tão extrovertida para com os nossos rapazes, um mealheiro com 1.181\$10; de pessoa de família que a acompanhava, 100; da sua generosa empregada, como habitualmente, o ordenado do mês de Março. No mealheiro da Cabeleireira Estrela 866\$20. Quem nos dera ter mais mealheiros espalhados por essa Lisboa imensa, sobretudo agora, que pensamos em obras de tomo! Temos cá alguns vazios e, se preciso fosse, mandaríamos fazer mais! Não há aí quem se encarregue de espalhar os mealheiros?

Camisolas, bolos e carne, além do mais, da Senhora D. Noémia. Deus lhe pague tanta dedicação. Da Parede, roupas, soppas, dinheiro e amor pelos nossos rapazes; creia que estamos presentes em tão doloroso sofrimento.

Chocolates deliciosos da Regina; açúcar da Sena Sugar; cobertores e mercarias do Hospital de Jesus, a condizer com o Nome; donativos de 100, 10, 20, 40 e 50\$; cheque de 1.000; 100, na Alameda das L. de Torres; Eng.º E. Silva, com 120; do curso de Eng.º Agrônomo de 42-43, 535\$00; de assinaturas, 100, 60, 120, 382, 200, 50, mais 50, 30, 50, 25, 40 e 310.

De estudante de Direito, recém-regressado do Ultramar, três mil escudos, no Lar, para a compra de uma Televisão, com promessa de voltar. Tocou-nos muito esta oferta pela natureza inexprimível de que se revestiu. Já se deu cumprimento.

Para missas, de várias proveniências, 100, 40, 1.200, 30, 70, 45, 50, 100 e 500; de R. P. Almeida, muito assíduo, várias entregas em dinheiro; empregados da Mobil, todos os meses, com depósitos no Banco; de M. Freitas Serra, 500; de C. Borba, 100;

autoclismos; mais tubos galvanizados e acessórios para a canalização. Todos estes materiais fomos buscá-los às casas da especialidade em Benguela — Moraes Pontes, Armando Lopes, Electra das Beiras, Nunes Pereira, Casa Ferraz —: Aos que perguntaram como foi possível conseguir uma camarata nova, aqui dou a resposta.

Mas ainda falta muita coisa. Faltam-nos 62 m² de mosaico, mais 35 m² de azulejo branco. Não é luxo. É criar condições de limpeza, numa casa em que são os rapazes a cuidar dela. Faltam as tintas. Já houve alguém que apitou e vou ver se descubro onde ir buscá-las.

E termino esta «ladaíña» com chave de ouro: quando aqui chegámos, havia um frigorífico que julgámos pertencer à Casa. Recebo, há pouco, notícia de que o dono estava à espera do dinheiro ou do frigorífico. Não sei que fazer. Estamos em riscos de ficar sem frigorífico e sem dinheiro para o comprar. Por outro lado, não podemos passar sem ele. Vou começar o meu peregrinar pelas casas da especialidade.

Se na volta do correio, me pudesses indicar a casa onde ir buscar um dos maiores?...

Se ainda não puseste o teu dedo em nenhuma destas coisas de que te falei acima, não esperes mais tempo. Estou aflito!...

P.e Manuel António

Cont. da PRIMEIRA página

ou carta registada, ou vale de correio, ou pelo telefone com o n.º 206, a qualquer hora do dia ou da noite.

X X X

Tenho dito que não a muitos pedidos de entrada para rapazes abandonados, pelos motivos de todos conhecidos: absoluta falta de espaço. E, para que não pensem que é má vontade ou falta das cunhas «cunhas», convidamos as pessoas a verem o nosso viver: Todos deitam as mãos à cabeça e não insistem mais.

Desta vez disse que sim. E não me pesa na consciência qualquer falta de justiça, com pedidos já feitos, com rótulo de urgentes. Disse que sim ao Zé António. Deus e as pessoas sabem quanto me custou.

Mas, quem pode resistir ao pedido directo do garoto da rua, ao «deixe-me ir consigo para a Casa do Gaiato que não sei de ninguém da minha família?»

A mãe é prostituta. Do pai, que, segundo consta, é vivo, ninguém sabe dele. Se estivesse no meu lugar, farias como eu: sentá-lo a teu lado no carro e trazia-lo para casa.

E o Zé António, com 14 anos

AREIAS DO CAVACO

de rua e vadiagem bem marcados, passou a ter pai, mãe, irmãos e uma casa de família.

Lobito, este pequeno era teu. Vi-o sentado, muitas vezes, à porta das tuas lojas, esfarrapado, sujo, cabelo por cima das orelhas, cara de fome. Sua cama era o chão nu debaixo dos teus barcos velhos. A mãe dele vai apodrecendo, na lama, dentro dos teus muros. Trouxe o Zé António. É meu. Não te libertei da tua responsabilidade. Ele não deixa de ser teu também. Há sangue teu, em nossa Casa, a clamar por ti.

X X X

Os administradores de grandes empresas, anualmente, dão contas, da sua gerência, em relatórios infundáveis. Nós, não.

As contas, vamos-las dando, escrupulosamente, todas as quinze dias. Assim andas mais a par da nossa vida e com mais facilidade nos poderás dar a

mão e salvar-nos se nos vires a abrir falência.

Vem em primeiro lugar «um aumento de ordenado, há muito esperado» com 250\$00. Duas vezes 100 e mais 50 de assinaturas pagas. Um A. da Catumbela vem com 20, em carta simples do correio. Um tambor de gasoil da Mobil. Outro da Sacor e mais outro da Fina. Bati às portas da Shell, mas dei com elas fechadas. Voltei a bater às da Fina e abriram-se duas portas: dois tambores por mês. Ai de nós se sucumbissemos ao primeiro fracasso! As empresas só poderão progredir, se admitirem o princípio fundamental e aceitarem a função social de suas riquezas. Mais 100 dados em segredo e promessa de mais, todos os meses. Mais duas caixas de sabão. Mais um não ao óleo de gergelim. Mais um «já demos e não podemos dar mais». Promessa mensal de 5 litros de azeite; o mesmo de óleo e «apareça de vez em quando que leva sempre alguma coisa». Mais uma carrinha cheia, de mosaicos «para a varanda da camarata nova e sala de jogos dos mais pequenos; mais 8 m² de azulejos brancos para o quarto de banho da mesma, mais 3 lavatórios para a dita, mais duas bacias de retrete e os respectivos





Uma das casas da nossa aldeia mostra no alto do cunhal placa com este dizer singelo: — Por tanto sofrer. Nela têm repousado aqueles a quem o Senhor mais pediu em dor e martírio. Dela partiram os mais provados pelo sofrimento. A placa de azulejos não mente.

Quem chega não precisa de perguntar se se sofre por aqui. Basta olhar com olhos de ver. A cruz perfila-se frente ao pórtico de entrada. E, atrás dela, eles, os que a suportam, com a parcela do peso que o Senhor lhes ofertou. Alguns amam-na e sorriem-lhe. Não sofrem tanto. O peso da cruz é menor. Muitos gostam de saber como e até que ponto os doentes aguentam o seu sofrer. Mui poucos, no entanto, entendem a razão da dor. Mui poucos!

Outro dia, poisa de mansinho em meus ouvidos esta compaixão, que amizade de médico amigo, velho conhecido, me quis dar de consolo:

— Os vossos doentes devem dar-vos grande preocupação, sobretudo, quando tomam consciência de que suportam mal incurável.

Eu respondo com um engana-se redondamente. É mesmo uma descoberta que o dia a dia me revela. Enquanto vive na dúvida, o doente é dominado pela ansiedade, e até pela revolta. Mas, logo que a certeza lhe entra pelo peito dentro, adquire a paz e a força precisa para a aceitação.

O médico não concorda. Meneia a cabeça. E eu compreendo a sua dúvida, sobre o que afirmo. Os doentes que o procuram situam-se em posição humana bem diferente da destes, que recolhemos. Enquanto que a maior parte daqueles possui bens, família, prisões de amizade terrena, estes não conhecem haveres, nem parentes e, a maioria, nem sequer o que seja o afecto dos

donativos de 20, 30, de novo 30, mais 100, 175, quatro vezes 50, 20, outra vez 100, 120, 1.500 e novamente 50; da L'Air Liquide, 20\$00 mensais; dos sempre devotados empregados das Encomendas Postais, 4.500\$, e muita simpatia.

Para finalizar, não podemos deixar de referir o carinho e a estima demonstrados por inúmeros estrangeiros, muitas vezes presentes no Tojal, para deixar, veladamente, auxílios substanciais em dinheiro, roupas, calçado, mercearias, bolos etc.. Sem ofensa para os nossos queridos e fiéis amigos portugueses, quase nos apetecia gritar: «Santos de casa não fazem milagres!»

P. S.. O arquitecto cujo auxílio aqui se solicitou há três semanas ainda não apareceu. Temos fé. Nós precisamos de lançar mão à obra da nova aldeia. Sobre a chocadeira pedida também não há notícias!

PADRE LUIZ

amigos. Se os clientes daqueles estão presos a imóveis de maior ou menor grandeza, a situações talvez brilhantes, a laços porventura sedutores, os nossos doentes, no geral, vivem libertos de amarras materiais: mesmo os que as possuem não se enquadram aqui. Conhecem, quando muito, o amor dos amigos que são os irmãos doentes. Como podem amedrontar-se, pois, em face da perspectiva da perda do que não têm? A fé abre-lhes horizonte vasto onde se espria toda a ansiedade de viver — a eternidade. E a fé não dá lugar ao medo. Quem a não tem, porém, mas vive sufocado por bens e ligações terrenas, que lhe motivam e enchem a vida, diante da doença que lhe apresenta a perda fatal do que possui, tem toda a razão para o medo e para o temor.

E, aqui está, em como os bens deste mundo são estorvo, tanta vez à paz e origem de preocupações. Eles podem até acarretar dificuldades intransponíveis no acesso à eternidade. Não foi em vão que o Senhor falou do custo que os ricos hão-de ter em trepar ao Céu. Não! É que os bens seduzem. E a perda deles amedronta. É o certo pelo incerto — aos olhos dos que vêm pouco, dos que vêem mal!

Padre Baptista

Queima das Fitas

No dia 8 fomos de abalada até à Cidade Invicta responder presente ao tradicional convite dos estudantes da Universidade do Porto; foram escolhidos 40 rapazes acompanhados de seu chefe, autor desta crónica.

Muito antes da hora marcada para o comboio, o despertar na nossa aldeia foi alvoroçado por uma frenética algazarra da malta que fazia parte do Dia de Beneficência da Queima das Fitas. Todos davam largas à sua justificada alegria, muito bem compreendida pelos que a essa hora ainda se encontravam na cama. Depois de chegarmos a S. Bento, tomámos um suculento pequeno almoço, oferta já tradicional do Café Imperial e Padaria Ceres.

A caminho do local de concentração, vi-me e desejei-me, afim de estarmos a horas, que a rapaziada parou toda admirada a ver as montras dum bazar. Quase todos me bloquea-

Por
Padre
HORÁCIO

Começa esta tribuna a atitude generosa de um dos nossos com seu voto de oferta do primeiro ordenado de oficial miliciano. São frutos que recebemos e nos estimulam a uma ânsia de nos darmos cada vez mais.

A festa no Avenida encheu. Encheu-se a sala; encheu-se o ambiente de calor, encheram-se as almas de alegria; enchemos-nos todos de felicidade. Foi uma reunião íntima e cristã de família. O resultado material foi também cheio: passou de vinte e um contos, que destinámos às duas Casas do Gaiato de Angola que nasceram há pouco e que irá encher também de alegria os nossos padres Manuel António e Telmo. No fim da festa tão quente de simpatia e carinho dissemos uma palavrinha de gratidão aos braços e corações sempre abertos dos donos da Casa e seu pessoal, à imprensa e emissor de Coimbra e a todos aqueles que proporcionaram facilidades. A palavra de gratidão então dita deixamo-la hoje aqui por escrito.

Subimos já os degraus do altar de três igrejas da cidade. Em todas encontramos os nossos que nos devoram com os olhos e nos apertam no coração. Nas sacas de S. Bartolomeu contámos mil e oitocentos e um envelope com doze contos que resolvemos entregar a P.e Acílio que anda muito aflito com a primeira pedra para o Lar de Setúbal. A Sé Nova subiu para seis mil. Santa Cruz chegou aos dez. Contudo, a nossa vontade e esperança é de que quem dá fique mais rico com o que leva.

ram. Valeu-me os estabelecimentos encontrarem-se encerrados. Com muito custo, mas radiante por vê-los todos bem dispostos, lá conseguimos chegar à Faculdade de Letras, onde nos esperavam os nossos amigos estudantes, mai-las suas simpáticas colegas. Os primeiros a serem disputados, foram os «batatinhas», o que não é de estranhar, devido à popularidade que disfrutam entre os nossos amigos. Lá foram eles todos risonhos para os pontos mais estratégicos da cidade, carregados de pastas-miniatura. Antes de regressar, e como nos anos anteriores, concentrámo-nos no Espelho da Moda. Embarcámos no comboio muito felizes, sentindo o vosso amor mais uma vez demonstrado. Os nossos agradecimentos a todos os estudantes em geral, pelo carinho como rodearam os nossos rapazes.

Bem hajam... e que Deus vos pague.

RUFINO

TRIBUNA de Coimbra

Mais testemunhos de colaboração conosco: 160\$00 de Burgães e mais selos de vez em quando; 220\$00 do Grémio de Panificação de Coimbra; pão do Quartel de Tomar; 200\$00 de uma madre que criou um que agora é nosso; 50\$00 dum sacerdote e 200\$00 de outro; 700\$00 do Colégio Infantil Martins de Freitas; 500\$00 depositados na Beira para os Pobres da Tribuna; 5 dólares do Alberto do Canadá; 50\$00 em carta de «uma simpaticante»; 100\$00 do Luso por alma do marido; embrulhos no Castelo e mil para começar uma casa do Património.

Vinte à porta de casa; 500\$ por alma de pessoa muito querida; 400\$00 de um jovem delegado que tem sido todo nosso; 150\$00 de finalista de medicina que quis repartir dos seus anos; cem de Almodôvar; 50\$00 das Caldas; 50\$00 de Lisboa a agradecer a Pai Américo; mil da R. Alexandre Herculano, de Lisboa, para as famílias do Património; 500\$00 à saída da Sé Velha; mil no fim de uma reunião de irmãos; cem e mais vinte no mesmo sítio; 20\$00 e mais 50\$00 dum

que foi e continua nosso, embora em família diferente 250\$00 de Senhora sempre presente nestas datas; cem a um vendedor em Coimbra; o mesmo para amêndoas; 250\$00 de Auto Industrial; conta liquidada na Iris; cem à porta do amigo da primeira hora; mais embrulhos e cartas no Castelo

As amiguinhas com os 400\$ 50\$00 pelos seus mortos; cem num envelope; muitas mãos nas minhas em Santa Cruz; Sé Nova; um cabrito e a nossa oração por pessoa de família amêndoas de amigos; cem a um vendedor em Coimbra vinte à porta de S. Cruz; 20\$ na rua; embrulhos no Castelo muitos tapetes em loja amiga 4 cautelas de Lisboa; 50\$00 mais 50\$00 de um Juiz sempre aberto; cartas com selos; 50\$ no Lar; dois mil e vinte que fomos buscar a Senhora a quem o Senhor levou marido e filhos e vive da generosidade de pessoas amigas.

Pela maior parte destes testemunhos que conhecemos directamente ajoelhamos e bendizemos ao Senhor por todas as Suas obras.

Padre Horácio

ORDINS

Aqui vai um muito obrigado das aprendizes à Fábrica Reguladora, de Vila Nova de Famalicão, que nos ofereceu o relógio. Foi tal a alegria, que fizeram uma roda à volta dele, cantando esta quadra, improvisada por elas:

«Veio este/ outro virá/ para alegria nossa/ e de quem o dá».

Sim, esperamos que venha outro, pois as aprendizes de costura e malhas, também querem um, para a sua sala, visto esta secção ficar no primeiro andar.

Os 100\$00, que vieram dum Senhora de Lisboa para a nossa tecedeira doente, foram entregues. Ela agradece, oferecendo os seus sofrimentos a Deus a favor de seus amigos. Os 100\$00

de Coimbra, com a mesma intenção, empregaram-se e para comprar mercearia, que se levou a uma pobre mãe, prestes a ter o quarto filho, sem possuir nada para comer. É assim quem faz a distribuição das vossas ofertas. Acorda a necessidade de momento. Espero que esta senhora não leve a mal.

Para a campanha da procissão dos 10\$00, vieram mais 20\$00.

Para Oeiras seguiu 1 chale dos pequenos; para Vila Flor — 2 grandes e 1 médio; para Lisboa — 20 pegas; para Barreiro — 3 tapetes. «Ficamos satisfeitos, com a ótima confecção. Fig. de Castelo Rodrigo — 2 pegas. Lisboa — 2 chales grandes. Para a campa-

nha do novelo de lã — 30\$00. As três Senhoras são as únicas persistentes nesta campanha, lançada há mais de quatro anos. Lisboa — 1 écharpe. Porto — 1 chale: «por ter lido várias vezes no «Gaiato» a secção «Chales de Ordins» — pensei adquirir um chale, para modestamente ajudar a Obra, tão grande, no seu significado». E enviou 250\$00. Bem haja o Senhor dos Exércitos, que, a pouco e pouco, vai tirando da apatia os leitores do Melhor do mundo.

P. S. — Já veio o segundo relógio, oferecido por duas Lisboaetas. (Nem podia deixar de ser). Trazia esta inscrição — «para as vossas e nossas tecedeiras».

M. A.



PELAS CASAS DO GAIATO

Benguela

Páscoa — alegria de sempre. Pela manhã, depois do pequeno almoço, marcaram-se trabalhos: Carlos e «Toi» vão ajudar na cozinha. Mas, este último, como lá tinha estado no domingo anterior, protestou. Que não ia. Sr. Padre, que ouvira, disse: «vais, e se não te portares lá bem, irás mais vezes». Foi e ajudou no que foi preciso. Ao almoço as inesquecíveis amêndoas não faltaram. E como antes uns dias se tinha morto um porco, a comida era mais saborosa. De tarde, como a carrinha é grande, fomos todos para a bonita praia da Caota, que fica a vinte Km da nossa Casa. Ai ficámos até à tardinha. De volta, o nosso terço e o jantar. Depois deste, dormir — porque no dia seguinte era de trabalho.

Regressou — Azevedo, que ao fim de três meses de tropa em Nova Lisboa, se encontra agora junto de nós.

Tem sido a maior alegria dos rapazes. Ultimamente tem estado a fazer calções para os mais pequenos.

Azevedo, quando fomos para a praia, pediu uma boia, para dar uma volta. Pega e mete-se para o meio. Ao ter-se distanciado uns quinhentos metros voltou. Sr. Padre disse-lhe: «não vais mais para a água».

Pois durante a semana não fez mais do que pedir ao Almerindo a boia. Até lhe dava pão às refeições!

Chegou o domingo. Ai está ele à espera da respectiva. Tanto moeu o Sr. Padre Manuel, até que este lhe disse: vai, mas só até à direcção da ponte. E lá vai ele. E o que sucedeu? Chegou à direcção da ponte, como ninguém o alcançava a nado, foi-se para o meio. Desta vez foi mais de mil metros. Só se lhe via a cabeça! Cá de fora pensávamos: e se a boia furava? Adeus Azevedo. Mais! Ele não sabe nadar! Assim com estas coisas que aconteceram, o nosso amigo não vai mais à praia.

Lembra-te Azevedo: os que foram por mar abaixo morreram, mas os que meteram por terra acima, esses salvaram-se. É linda, mas pensa e verás se não é verdade.

Grupo de futebol — Andamos há dias atarefados com o campo. Este tinha só uns setenta metros, mas nós aumentámo-lo para cem. As balizas são as mesmas, e como se sabe pequenas. Quanto ao que pedimos, vieram quatro pares de sapatilhas e uma bola número quatro. Amigos! Já há quem nos queira defrontar, mas falta-nos o pedido. Para a próxima lhes darei mais notícias.

João Evangelista

SETUBAL

A nossa festa já se fez... e foi um êxito. Exigiu muito trabalho e muito sacrifício mas valeu bem o esforço de todos os que nela colaboraram. No dia houve grande azáfama. Aproximava-se a hora e muita coisa havia a fazer: ensaios, preparativos, retoques aqui e ali, e o próprio telefone não parava de tocar.

Sim senhor... Os Setubalenses estão de parabéns; os bilhetes

esgotaram-se e o nosso Lar já parecia mais um posto de correios porque os telefonemas choviam. Alguns ficaram sem bilhetes. Lamento, mas para outra vez sejam um pouquinho mais ligeiros a comprá-los porque são postos à venda muito cedo.

Agradecemos a amabilidade da gerência do Luísa Todí que pôs à nossa disposição o salão, e a dos empregados que colaboraram também connosco na festa.

A festa foi muito boa, mas na minha opinião pessoal gostei mais da do ano passado, apesar de quase todos serem de opinião contrária; bem, mas para que não me censurem digo que não estava de boa catadura e vi talvez as coisas às avessas. Mas o que é certo é que os nossos amigos gostaram e todos passámos uma noite cheia e feliz.

E a propósito: há muita gente ainda que não sabe a direcção do nosso Lar; pois aqui vai ela e esperamos, que sempre que os leitores tenham alguma coisa (mesmo velha) e que não lhes faça falta, nos enviem para:

Avenida Luísa Todí, N.º 38 — 1.º tel. 24620 — Setúbal.

Assim termino e espero que para o ano comprem o mais depressa possível os vossos bilhetinhos.

Joaquim Martins «Rouxino!»

TOJAL

FESTA NO MONUMENTAL — «Um fim de tarde maravilhosos», foi uma das muitas expressões que ouvimos à saída do Monumental. Ambiente de carinho rodeou toda a nossa festa. Na realidade ela foi como nós esperávamos que fosse. Bonita e muito alegre, que desde o princípio comunicou boa disposição aos nossos amigos alfacinhas que enchem a bellissima sala do Cinema Monumental. Tínhamos prometido uma boa festa. Aconteceu! Estávamos convencidos de que a ela assistiriam muitos amigos. Assim foi! Não admira, portanto, que no decorrer da peça apresentada (Gato por Lebre) as gargalhadas e a boa disposição se manifestassem. Que o respeito e profundo sentimento que se sentiu na sala quando da apresentação do Calvário, tivesse levado os nossos amigos a uma meditação mais séria sobre os problemas sociais. Não admira, ainda, aquele carinho manifestado por um grupo de senhoras (amigas da primeira hora) na pessoa dos nossos mais pequeninos, quer de Paço de Sousa, quer do Tojal.

Ainda dentro desta linha que temos vindo a traçar — Amor, Carinho e Ternura — queremos lembrar as pessoas do Cinema Monumental e permitam-me um nome: o Senhor Narciso! «Vocês vejam lá. Olhem que eu quero que a vossa festa seja boa. Venham cá ensaiar quantas vezes for preciso». Era assim constantemente este nosso grande Amigo.

Como resultado de tudo que que acabamos de citar, recebemos: nas capas, 15.467\$00! E muitas prendas. Nos bilhetes, 15.000\$00!

A todos o nosso muito obrigado e até para o ano se Deus quiser.

Cândido Pereira

PAÇO DE SOUSA

— Júlio «Tira-olhos», anda muito zangado. E, quando isto acontece, é um caso sério!...

— Então Júlio, que má disposição é essa?

— Ora vê lá se eu tenho ou não razão para ficar furioso!...

— Mas que há? Desembuxa!

— Tu não sabes? Não te lembrás há quanto tempo se pediram ins-

trumentos musicais e ainda não vieram nenhuns?

— Não vieram nenhuns?!

— Bem, veio uma viola e bastantes livros.

— Já não é bom para começar?

— É. Mas eu queria arranjar

Visado pela

Comissão de Censura

uma orquestra. Sem os instrumentos nada feito! Diz aos Senhores que não fiquem à espera uns dos outros. Senão nós ficamos a ver navios! Que façam o favor de aferroar e mandar para cá muitos instrumentos musicais!

— Está bem. Vou tentar satisfazer o teu desejo.

Os Leitores são da mesma opinião? Assim esperamos!

Fausto Teixeira



SETUBAL

Eu tive há dias a sensação do inédito. Alguém me entrou pelo escritório dentro com esta notícia — Sabe?, fulano tem dez contos para lhe dar, cinco dele e cinco da firma.

Eu mantive-me aparentemente calmo. Interiormente alvoroçado. Calmo, porque para a Obra de muitos lados têm vindo quantias iguais e até muito superiores. Alvoroçado porque de Setúbal era a primeira vez que alguém resolvia dar uma quantia assim.

Eu não quero dizer que não me tenho sentido acarinhado por Setúbal. Não senhor. Têm sido muitas as provas de ami-

zade e dedicação que a Casa do Gaiato vai suscitando na alma de muitos. Ultimamente tem aumentado o número daqueles que fazem suas as nossas aflições. Mas os homens do dinheiro continuam fechados. Se lhes batô à porta, não acreditam na sinceridade do meu sofrer e na acuidade da minha urgência e julgam dar-me uma surpresa com quinhentos ou mil escudos. Nunca rejeitei. Por cobardia, ou por amor? — Não sou capaz de distinguir. Neu sei qual das atitudes seria de maior amor. Se aceitar; se rejeitar. Tenho optado pela primeira. Espero poder um dia ver mais claro e decidir-me com maior certeza.

Tinha-me pedido aquele Senhor para deixar um papeliño à guisa de recibo. Como nota eu escrevi: «Recebemos do..... como esmola à Casa do Gaiato». E aqui é que foi!... O meu amigo protestou: — Que não era uma esmola. Que riscasse aquele termo e escrevesse outro, ou então fizesse outro papeliño... Que aquilo era uma contribuição justa; de modo nenhum uma esmola. Para mim maior ineditismo!... Gostei!... Gostei a sério!... Interiormente cantava de alegria por esta revelação!

X X X

Fui ao funeral do José. Pediram-me para presidir na vez do Prior que estava ausente. Eu conhecia o José mal. Tinha-o visto algumas vezes no abrigo dos Tuberculosos, sem grande contacto. Entrei na sua câmara ardente...

À cabeceira, do lado direito, estavam sentadas a mulher e a filha. Sujas; negras. Um negrume próprio da barraca. Cobria-as uns crepes pretos, velhos e transparentes. Magras, anormalizadas, ao verem aproximar-me perguntaram secamente: — Você vem encomendá-lo?

— Não. Venho rezar convosco.

Rezei e meditei. No corpo do José eu encontrava resumidos todos os valores da carne e do mundo!

O José foi abandonado até depois de morto. Eu tive de pegar no caixão pois não havia mais ninguém senão o sacristão, os dois homens do auto-fúnebre e eu.

Passámos pelas avenidas! O sol aquecia já o ambiente cittadino. A vida continuava na sua loucura imbecil. As esplanadas começavam a encher-se de homens e mulheres que bebiam indiferentes a tudo o que não fossem eles! Eu vivia este drama.

O José morrera como vivera — abandonado. Os homens continuam a morrer em vez de viver — abandonando!

P.e Acílio

CONTRASTES

O cenário é idêntico. As personagens também: a mesma idade; a mesma formação. Um deles, somente, mais letrado.

Encontrámo-los em nossos exercícios de pedinte.

O mais letrado anuncia-me, verboso, a sua próxima incorporação.

— Tenho um irmão cadete. Eu vou pró curso de sargentos. Um de nós devia ficar, mas queremos ambos ir para Angola. Os dois, são dez contos por mês!

Qualquer dia, tá - tá - tá tá - tá... (E com os braços varria em torno de si). São 10 contos por mês!!

O outro, da mesma idade e mesma formação, somente menos letrado, de olhos baixos e em voz sumida, depois de me ouvir seis vezes aquela manhã, deixa em minhas mãos de pedinte três pequenas moedas:

— É tão pouquinho... Desculpe. Quem me dera poder mais...

Pobre Pátria.
Feliz Pátria.

